
A importância da teoria

I.V. Stáline¹

1924

Alguns pensam que o leninismo é o primado da prática sobre a teoria, no sentido em que o principal nele é a transformação dos princípios marxistas em actos, a «realização» destes princípios, e, no que toca à teoria, que o leninismo seria alegadamente descuidado a este respeito. É sabido que Plekhánov zombou mais de uma vez do «descuido» de Lénine da teoria e em especial da filosofia. É sabido igualmente que muitos leninistas-práticos de hoje não acarinhos muito a teoria, em virtude, sobretudo, do enorme trabalho prático que a situação os obriga a desenvolver. Devo declarar que esta mais do que estranha opinião sobre Lénine e o leninismo é totalmente falsa e não corresponde de modo nenhum à realidade, e que a tendência dos práticos de negligenciarem a teoria é contrária a todo o espírito do leninismo e encerra grandes perigos para a causa.

A teoria é a experiência do movimento operário de todos os países, tomada no seu aspecto geral. Naturalmente, a teoria torna-se vaga se não estiver ligada à prática revolucionária, precisamente como também a prática se torna cega se não alumiar o seu caminho com a teoria revolucionária. Mas a teoria pode converter-se numa formidável força do movimento operário se for construída em ligação indissolúvel com a prática revolucionária, pois ela, e só ela, pode imprimir ao movimento a segurança, a firmeza de orientação e a compreensão da concatenação interna dos acontecimentos circundantes, pois ela, e só ela, pode ajudar a prática a compreender não só como e para onde se deslocam as classes no presente, mas também como e para onde deverão deslocar-se no futuro próximo. Ninguém como Lénine disse e repetiu tantas vezes a conhecida tese de que:

*«Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário».*²

¹ Extracto do livro de I.V. Stáline *Princípios do Leninismo, Conferências lidas na Universidade de Sverdlov*, 1924, traduzido por José Ricardo (1972) e publicado por «*Pelo Socialismo, Questões político-ideológicas com atualidade*», www.pelosocialismo.net, Janeiro de 2012, pp. 35-54. (N. Ed.)

²*Que Fazer?* (1902), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1981, t. 1, p.99. (N. Ed.)

Lénine, melhor que ninguém, compreendeu a grande importância da teoria, em particular para um partido como o nosso, devido ao papel de combatente de vanguarda do proletariado internacional que recaiu sobre ele e também devido à complexa situação interna e internacional em que se encontra. Prevendo já em 1902 este papel particular do nosso partido, Lénine considerou necessário recordar logo nessa altura que:

«*Só um partido guiado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda*».³

Será preciso demonstrar hoje, quando a predição de Lénine sobre o papel do nosso partido se tornou uma realidade, que esta tese de Lénine adquire uma força e importância especiais.

A expressão mais viva da alta importância que atribuía à teoria poderá ser vista no facto de Lénine ter empreendido, como mais ninguém, a grandiosa tarefa da generalização filosófica materialista daquilo que a ciência produziu de mais importante desde Engels até Lénine, e da crítica profunda das correntes antimaterialistas entre os marxistas. Engels disse que «*com cada descoberta, o materialismo tem de mudar a sua forma*».⁴ É sabido que essa tarefa foi cumprida na sua época por ninguém mais que Lénine, no notável livro *Materialismo e Empiriocriticismo*. É também sabido que Plekhánov, que se comprazia a zombar da «despreocupação» de Lénine pela filosofia, não se decidiu sequer a começar seriamente a realização de tal tarefa.

A crítica da «teoria» da espontaneidade, versus o papel da vanguarda no movimento

A «teoria» da espontaneidade é a teoria do oportunismo; a teoria da reverência à espontaneidade do movimento operário, a teoria que nega de facto o papel dirigente da vanguarda da classe operária, do partido da classe operária.

A teoria da reverência à espontaneidade age decididamente contra o carácter revolucionário do movimento operário, opõe-se a que o movimento se oriente pela linha da luta contra as bases do capitalismo; ela defende que o movimento siga exclusivamente a linha das reivindicações «*exequíveis*», «*aceitáveis*» para o capitalismo, defende inteiramente a «*linha da menor resistência*». A teoria da espontaneidade é a ideologia do trade-unionismo.

A teoria da reverência à espontaneidade manifesta-se decididamente contra a que se imprima ao movimento espontâneo um carácter consciente, sistemático, é contra a que o partido siga na dianteira da classe operária, a que o partido eleve as massas a um nível consciente, a que o partido leve o movimento atrás de si; defende que os elementos conscientes não impeçam o movimento de seguir o seu caminho, defende que o partido se limite a ouvir o movimento espontâneo e se arraste na sua cauda. A teoria da espontaneidade é a teoria da subestimação do papel do elemento consciente no movimento, é a ideologia do «seguidismo», base lógica de todo o oportunismo.

³ Idem, *ibidem*, p. 97. (N. Ed.)

⁴ *Ludwig Feurbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*, Marx e Engels, *Obras escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 392. (N. Ed.)

Na prática, esta teoria, que entrou em cena ainda antes da primeira revolução russa, levou os seus partidários, os chamados «economistas», a negarem a necessidade de um partido operário independente na Rússia, a manifestarem-se contra a luta revolucionária da classe operária pelo derrubamento do tsarismo, a pregarem a política trade-unionista no movimento e, em geral, a colocarem o movimento operário sob a hegemonia da burguesia liberal.

A luta do velho *Iskra* e a brilhante crítica da teoria do «seguidismo», feita por Lênine na brochura *Que Fazer?*, não só derrotaram o chamado «economismo», como também lançaram as bases teóricas de um movimento realmente revolucionário da classe operária russa.

Sem essa luta, não se poderia sequer pensar na criação de um partido operário independente na Rússia, nem no seu papel dirigente na revolução.

Mas a teoria da reverência à espontaneidade não é um fenómeno exclusivamente russo. Ela está amplamente divulgada, é certo que sob uma forma algo diferente, em todos os partidos da II Internacional, sem excepção. Refiro-me à chamada teoria das «forças produtivas», vulgarizada pelos líderes da II Internacional, que justifica tudo e reconcilia todos, que constata os factos e os explica, depois de toda a gente já estar farta deles, e, constatando, fica apaziguada. Marx dizia que a teoria materialista não pode limitar-se a interpretar o mundo, mas que, além disso, deve transformá-lo.⁵ Mas Kautsky e C.^a não se importam com isto, preferem ficar na primeira parte da fórmula de Marx.

Vejamos um dos numerosos exemplos da aplicação desta «teoria». Diz-se que, antes da guerra imperialista, os partidos da II Internacional ameaçavam declarar «guerra à guerra», caso os imperialistas a desencadeassem. Diz-se que, ante o início iminente da guerra, esses partidos meteram na gaveta a palavra de ordem «guerra à guerra» e lançaram o lema contrário da «guerra pela pátria imperialista». Diz-se que em consequência desta substituição de palavras de ordem houve milhões de vítimas entre os operários. Mas seria erróneo pensar que existem aqui culpados, que alguém traiu ou vendeu a classe operária. Nada disso! Aconteceu o que tinha de acontecer. Em primeiro lugar, porque a Internacional é «um instrumento de paz» e não de guerra. Em segundo lugar, porque, com o «nível das forças produtivas» que existia naquela altura, não se podia fazer outra coisa. A «culpa» é das «forças produtivas». Isto é o que «nos» explica, com exactidão, a «teoria das forças produtivas» do senhor Kautsky. E quem não acreditar nesta «teoria» não é marxista. O papel do partido? A sua importância no movimento? Mas o que pode fazer um partido em face de um factor tão decisivo como o «nível das forças produtivas»?...

Poderíamos citar um monte destes exemplos de falsificação do marxismo.

Certamente que não será necessário demonstrar que este «marxismo» falsificado, destinado a encobrir a nudez do oportunismo, não passa de uma modificação à maneira europeia daquela mesma teoria do «seguidismo», combatida por Lênine já antes da primeira revolução russa.

Certamente que não será necessário demonstrar que a demolição desta falsificação teórica é condição prévia para a criação de partidos verdadeiramente revolucionários no Ocidente.

⁵ «*Teses Sobre Feuerbach*», Marx e Engels, *Obras escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 1, p. 3. (N. Ed.)

A teoria da revolução proletária

A teoria leninista da revolução proletária parte de três teses fundamentais.

Primeira tese. A dominação do capital financeiro nos países avançados do capitalismo; a emissão de títulos como uma das principais operações do capital financeiro; a exportação de capital para as fontes de matérias-primas, como uma das bases do imperialismo; a onipotência da oligarquia financeira como resultado da dominação do capital financeiro – tudo isto revela o carácter parasitário grosseiro do capitalismo monopolista, torna cem vezes mais sensível o jugo dos *trusts* e dos monopólios capitalistas, intensifica o crescimento da indignação da classe operária contra os fundamentos do capitalismo e conduz as massas para a revolução como a única salvação.⁶

Decorre daqui uma primeira conclusão: agudização da crise revolucionária nos países capitalistas, aumento dos elementos de explosão na frente interna proletária nas «metrópoles».

Segunda tese: A exportação intensiva de capital para os países colonizados e dependentes; a ampliação das «esferas de influência» e possessões coloniais até abarcar todo o planeta; a transformação do capitalismo em *sistema mundial* de escravização financeira e opressão colonial da imensa maioria da população da Terra por um punhado de países «avançados» – tudo isto, por um lado, transformou as economias nacionais e os territórios nacionais em elos de uma só cadeia, chamada economia mundial, por outro lado, dividiu a população do planeta em dois campos: um punhado de países capitalistas «avançados», que exploram e oprimem vastos países colonizados e dependentes, e uma enorme maioria de países colonizados e dependentes, obrigados a conduzirem a luta pela libertação do jugo imperialista.⁷

Daqui decorre uma segunda conclusão: agudização da crise revolucionária nos países colonizados, aumento dos elementos de indignação contra o imperialismo na frente colonial externa.

Terceira tese. O domínio monopolista das «esferas de influência» e das colónias; o desenvolvimento desigual dos países capitalistas, que conduz a uma luta furiosa por uma nova partilha do mundo entre os países com territórios já anexados e os que desejam obter o seu «quinhão»; as guerras imperialistas, como único meio de restabelecer o «equilíbrio» rompido – tudo isto conduz ao reforço da terceira frente, a frente intercapitalista, que enfraquece o imperialismo e facilita a união das duas primeiras frentes contra o imperialismo, a frente proletária revolucionária e a frente de libertação colonial.⁸

Daqui a terceira conclusão: inelutabilidade da guerra no sistema imperialista e inevitabilidade da coligação da revolução proletária da Europa com a revolução colonial do Oriente numa só frente mundial revolucionária contra a frente mundial do imperialismo.

Todas estas conclusões são unidas por Lénine numa conclusão geral: «*O imperialismo é a véspera da revolução socialista*».⁹

⁶ *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1984, t. 3, pp. 291-404. (N. Ed.)

⁷ Idem, *ibidem*. (N. Ed.)

⁸ Idem, *ibidem*. (N. Ed.)

⁹ Idem, *ibidem*, p. 291. (N. Ed.)

Em conformidade, altera-se a própria maneira de abordar o problema da revolução proletária, do seu carácter, da sua extensão e profundidade, altera-se o esquema da revolução em geral.

Dantes, a análise das premissas da revolução proletária era feita habitualmente do ponto de vista do estado económico deste ou daquele país isolado. Agora, este modo de abordar o problema já não é suficiente. Agora, é preciso abordá-lo do ponto de vista do estado económico de todos ou da maior parte dos países, do ponto de vista do estado da economia mundial, pois os países isolados e economias nacionais isoladas deixaram de ser unidades independentes, converteram-se em elos de uma cadeia única, chamada economia mundial, pois o velho capitalismo «civilizado» transformou-se em imperialismo, e o imperialismo é um sistema mundial de escravização financeira e de opressão colonial da imensa maioria da população do planeta por um punhado de países «avançados».

Dantes, era costume falar da existência ou ausência de condições objectivas para a revolução proletária em países isolados, ou, mais exactamente, neste ou naquele país desenvolvido. Agora, este ponto de vista já não é suficiente. Agora, é preciso falar da existência de condições objectivas para a revolução no conjunto do sistema da economia imperialista mundial, considerado como um todo, sendo que a existência dentro deste sistema de alguns países pouco desenvolvidos em termos industriais não pode constituir um obstáculo insuperável à revolução, *se* o sistema no seu conjunto ou, melhor, *uma vez que* o sistema no seu conjunto já está maduro para a revolução.

Dantes, era costume falar-se da revolução proletária num ou noutro país avançado como uma grandeza independente, que se contrapunha a uma frente nacional isolada do capital, como o seu antípoda. Agora, este ponto de vista já não é suficiente. Agora, é preciso falar da revolução proletária mundial, pois as diversas frentes nacionais do capital converteram-se em elos de uma só cadeia, chamada frente mundial do imperialismo, à qual deve contrapor-se a frente comum do movimento revolucionário de todos os países.

Dantes, considerava-se a revolução proletária como resultado do desenvolvimento exclusivamente interno de um dado país. Agora, este ponto de vista já não é suficiente. Agora, é preciso considerar a revolução proletária, antes de mais, como resultado da ruptura da cadeia das contradições do sistema mundial do imperialismo, como resultado da ruptura da cadeia da frente mundial imperialista neste ou naquele país.

Onde começa a revolução? Onde é que a frente do capital pode ser rompida, em que país?

Lá onde a indústria está mais desenvolvida, onde o proletariado constitui a maioria, onde há mais cultura, onde há mais democracia – costumava responder-se dantes.

Não – objecta a teoria leninista da revolução –, *não é obrigatoriamente lá onde a indústria está mais desenvolvida*, etc. A frente do capital romper-se-á onde a cadeia imperialista for mais fraca, pois a revolução é o resultado da ruptura da cadeia da frente mundial imperialista no seu ponto mais fraco, e pode acontecer que o país que inicie a revolução, o país que rompa a frente do capital, seja menos desenvolvido no sentido capitalista do que outros países que, apesar de mais desenvolvidos, permanecem no quadro do capitalismo.

Em 1917, a cadeia da frente imperialista mundial mostrou-se mais fraca na Rússia que nos outros países. Foi aqui que se rompeu, abrindo caminho à revolução proletária. Porquê? Porque na Rússia desenvolveu-se uma grande revolução popular, encabeçada pelo proletariado revolucionário, que contava com um aliado tão importante

como os muitos milhões de camponeses explorados e oprimidos pelos latifundiários. Porque contra a revolução estava um representante do imperialismo tão abominável como o tsarismo, desprovido de qualquer autoridade moral e objeto do ódio geral da população. Na Rússia a cadeia mostrou-se mais fraca, apesar de ser um país menos desenvolvido, no sentido capitalista, que a França ou a Alemanha, a Inglaterra ou a América.

Onde se romperá a cadeia no próximo futuro? Uma vez mais, lá onde for mais fraca. Não está excluído que possa romper-se, digamos, na Índia. Porquê? Porque na Índia existe um proletariado jovem, combativo e revolucionário, que tem um aliado como o movimento de libertação nacional – um aliado inquestionavelmente numeroso e importante. Porque frente à revolução existe um inimigo tão conhecido de todos como o imperialismo estrangeiro, destituído de crédito moral e objeto do ódio geral das massas oprimidas e explorados da Índia.

Também é perfeitamente possível que a cadeia possa quebrar-se na Alemanha. Porquê? Porque os factores que actuam, digamos, na Índia, começam a actuar também na Alemanha, sendo claro que a enorme diferença existente entre o nível de desenvolvimento da Alemanha e da Índia não pode deixar de imprimir o seu cunho no curso e desenlace da revolução na Alemanha.

Por isso Lénine afirmou que:

*«(...) Os países capitalistas da Europa ocidental completarão o seu desenvolvimento para o socialismo (...) não por um processo gradual de “amadurecimento” neles do socialismo, mas mediante a exploração de uns Estados por outros, mediante a exploração do primeiro Estado entre os vencedores na guerra imperialista, combinada com a exploração de todo o Oriente. E, por outro lado, o Oriente entrou definitivamente no movimento revolucionário devido precisamente a esta primeira guerra imperialista, e foi definitivamente arrastado para o turbilhão geral do movimento revolucionário mundial».*¹⁰

Em suma: a cadeia da frente imperialista, como regra geral, deve romper-se lá onde os elos são mais fracos e, em todo o caso, não obrigatoriamente lá onde o capitalismo está mais desenvolvido, onde há uma determinada percentagem de proletários, uma outra de camponeses e assim por diante.

Por isso, quando se trata de resolver o problema da revolução proletária, os cálculos estatísticos da percentagem do proletariado na população de um determinado país perdem aquela importância excepcional que os escolásticos da II Internacional lhes atribuíam de bom grado, não compreendendo o imperialismo e temendo a revolução como a peste.

Mais. Os heróis da II Internacional afirmavam (e continuam afirmando) que entre a revolução democrático-burguesa, por um lado, e a revolução proletária, por outro, existe um abismo ou, em todo o caso, uma muralha da China, que separa uma da outra por um espaço de tempo mais ou menos prolongado, durante o qual a burguesia chegada ao poder desenvolve o capitalismo, enquanto o proletariado acumula forças e se prepara para o «combate decisivo» contra o capitalismo. Habitualmente, este

¹⁰ «É melhor menos, mas melhor», V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., t. 5, p. 381. (N. Ed.)

intervalo é estimado em muitas dezenas de anos, se não mais. Decerto não é preciso demonstrar que nas condições do imperialismo esta «teoria» da muralha da China é desprovida de qualquer sentido científico, e não é nem pode ser outra coisa senão um meio de encobrir e colorir os anseios contra-revolucionários da burguesia. Decerto não é preciso demonstrar que nas condições do imperialismo, prenhe conflitos e de guerras, na «véspera da revolução socialista», quando o capitalismo «florescente» se converte em capitalismo «agonizante» (*Lénine*) e o movimento revolucionário cresce em todos os países do mundo, quando o imperialismo se alia a todas as forças reacionárias, sem exceção, incluindo o tsarismo e o feudalismo, tornando assim necessária a coligação de todas as forças revolucionárias, desde o movimento proletário do Ocidente ao movimento de libertação nacional do Oriente, quando o derrubamento dos resquícios do regime feudal e da servidão se torna impossível sem a luta revolucionária contra o imperialismo – decerto não é preciso demonstrar que a revolução democrático-burguesa, num país mais ou menos desenvolvido, deve, nestas condições, aproximar-se da revolução proletária, e que a primeira deve transformar-se na segunda. A história da revolução na Rússia demonstrou com evidência a justeza e a irrefutabilidade desta tese. Não foi em vão que Lénine, ainda em 1905, nas vésperas da primeira revolução russa, na sua brochura «*Duas Tácticas*», apresentava a revolução democrático-burguesa e a revolução socialista como dois elos da mesma cadeia, como um quadro único e completo do desenvolvimento da revolução russa:

«O proletariado deve levar ao fim a revolução democrática, atraindo a si a massa do campesinato, a fim de esmagar pela força a resistência da autocracia e paralisar a instabilidade da burguesia. O proletariado deve levar a cabo a revolução socialista, atraindo a si a massa dos elementos semiproletários da população, a fim de quebrar pela força a resistência da burguesia e paralisar a instabilidade do campesinato e da pequena-burguesia. *Tais são as tarefas do proletariado, que os neo-iskristas concebem de modo tão estreito em todos os seus raciocínios e resoluções sobre a amplitude da revolução*».¹¹

Já não falo de outros trabalhos posteriores de Lénine, nos quais a ideia da transformação da revolução burguesa em revolução proletária surge com maior relevo, que nas «*Duas Tácticas*», como uma das pedras angulares da teoria leninista da revolução.

Constata-se que certos camaradas supõem que Lénine só chegou a esta ideia em 1916, que até então considerava alegadamente que a revolução na Rússia ficaria confinada a um quadro burguês e que, por conseguinte, o poder passaria das mãos do órgão da ditadura do proletariado e do campesinato para as mãos da burguesia, e não para o proletariado. Dizem que esta afirmação surgiu até na nossa imprensa comunista. Devo dizer que tal afirmação é completamente falsa, não corresponde minimamente à realidade.

Poderia invocar o conhecido discurso de Lénine no III Congresso do partido (1905), no qual qualificou a ditadura do proletariado e do campesinato, isto é, a vitória da

¹¹*Duas Tácticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 1, pp. 443-444. (N. Ed.)

revolução democrática, não como a «organização da “ordem”», mas como a «organização da guerra».¹²

Poderia invocar, de seguida, os conhecidos artigos de Lênine «Sobre o Governo Provisório» (1905), nos quais, descrevendo a perspectiva do desenvolvimento da revolução russa, coloca ao partido a tarefa de «conseguir que a revolução seja um movimento não de alguns meses, mas um movimento de muitos anos, que conduza não só a pequenas concessões por parte das autoridades do poder, mas ao derrubamento completo destes poderes». Continuando a desenvolver esta perspectiva e relacionando-a com a revolução europeia, prossegue:

«Se isto se conseguir, então... então o incêndio revolucionário pegar-se-á à Europa; o operário europeu, cansado da reacção burguesa, levantar-se-á por sua vez e mostrar-nos-á “como se fazem as coisas”; então o surto revolucionário da Europa produzirá um efeito de retorno na Rússia e transformará uma época de alguns anos revolucionários numa época de várias décadas revolucionárias (...).»¹³

Poderia invocar, de seguida, o conhecido artigo de Lênine, publicado em Novembro de 1915, onde escreve:

*«O proletariado luta e continuará a lutar abnegadamente pela conquista do poder, pela república, pela confiscação das terras (...), pela participação das “massas populares não proletárias” na libertação da Rússia burguesa do “imperialismo militar-feudal” (=tsarismo). E esta libertação da Rússia burguesa do jugo tsarista, do poder fundiário dos terratenentes, será **imediatamente** aproveitada pelo proletariado, não para ajudar os camponeses abastados na sua luta contra os operários agrícolas, mas para levar a cabo a revolução socialista em aliança com os proletários da Europa».¹⁴ (Sublinhado meu – I. St.).*

Poderia, finalmente, invocar a conhecida passagem da brochura de Lênine *A revolução proletária e o renegado Kautsky*», em que, partindo da citação atrás referida de *Duas Tácticas* sobre a amplitude da revolução russa, chega à seguinte conclusão:

«As coisas passaram-se exactamente como tínhamos dito. O curso da revolução confirmou a justeza do nosso raciocínio. A princípio, juntamente com “todo” o campesinato contra a monarquia, contra os latifundiários, contra o medievalismo (e nesta sentido a revolução continua a ser burguesa, democrática burguesa). Depois, juntamente com o campesinato pobre, juntamente com o semiproletariado, juntamente com todos os explorados, contra o capitalismo, incluindo os camponeses ricos, os kulaques, os especuladores,

¹²«Relatório sobre a participação da social-democracia no governo provisório revolucionário», III Congresso do POSDR, (1905), V.I. Lênine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1967, t. 10, p. 129. (N. Ed.)

¹³«A social-democracia e o governo provisório revolucionário» (1905), V.I. Lênine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1967, t. 10, p. 14. (N. Ed.)

¹⁴ «Sobre as duas linhas da revolução» (1915), V.I. Lênine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1969, t. 27, p. 81. (N. Ed.)

*e nesta medida a revolução torna-se socialista. Tentar erguer uma muralha da China, artificial, entre uma e outra, separar uma da outra doutro modo que não seja pelo grau de preparação do proletariado e o grau da sua união com os camponeses pobres, é a maior deturpação do marxismo, a sua vulgarização, a sua substituição pelo liberalismo».*¹⁵

Parece-me que é suficiente.

Bem, dir-nos-ão, mas nesse caso porque é que Lénine combateu a ideia da «revolução permanente»?

Porque Lénine propunha «esgotar» a capacidade revolucionária do campesinato e utilizar até ao fim a sua energia revolucionária para a completa liquidação do tsarismo, para a passagem à revolução proletária, enquanto os partidários da «revolução permanente» não compreendiam o importante papel do campesinato na revolução russa, subestimavam a força da energia revolucionária do campesinato, subestimavam a força e a capacidade do proletariado russo de conduzir atrás de si o campesinato e dificultavam, deste modo, a tarefa da libertação do campesinato da influência da burguesia, a tarefa da coesão do campesinato em torno do proletariado.

Porque Lénine propunha *coroar* a obra da revolução com a passagem do poder ao proletariado, enquanto os partidários da revolução «permanente» queriam *começar* o processo directamente pela tomada do poder pelo proletariado, não compreendendo que, desse modo, fechavam os olhos a uma «ninharia» como os resquícios do regime da servidão, e não levavam em conta uma força tão importante como a do campesinato russo, não compreendendo que tal política só podia travar a conquista dos camponeses para o lado do proletariado.

Portanto, Lénine combatia os partidários da revolução «permanente», não pela questão da ininterruptibilidade, pois o próprio Lénine defendia o ponto de vista da revolução ininterrupta, mas porque aqueles subestimavam o papel dos camponeses, que constituem a reserva mais importante do proletariado, e não compreendiam a ideia da hegemonia do proletariado.

A revolução «permanente» não deve ser vista como uma ideia nova. Ela foi enunciada pela primeira vez por Marx, no final dos anos 40, na sua famosa «Mensagem à Liga dos Comunistas» (1850). Foi desse documento que os nossos «permanentistas» retiraram a ideia da revolução ininterrupta. Deve notar-se que ao adotarem a ideia de Marx, os nossos «*permanentistas*» modificaram-na e, ao modificá-la, «estragaram-na», inutilizando-a para a aplicação prática. Foi necessária a mão experiente de Lénine para corrigir este erro, tomar a ideia da revolução «*permanente*» de Marx na sua forma pura e fazer dela uma das pedras angulares da sua teoria da revolução.

Eis o que diz Marx na sua «Mensagem» sobre a revolução ininterrupta, depois de ter enumerado uma série de reivindicações democráticas revolucionárias, à conquista das quais apela aos comunistas:

«Ao passo que os pequeno-burgueses democratas querem pôr fim à revolução o mais depressa possível, realizando, quando muito, as exigências atrás referidas, o nosso interesse e a nossa tarefa são tornar permanente a

¹⁵A *Revolução Proletária e o Renegado Kautsky* (1918), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 56. (N. Ed.)

*revolução até que todas as classes mais ou menos possidentes estejam afastadas da dominação, até que o poder de Estado tenha sido conquistado pelo proletariado, que a associação dos proletários, não só num país, mas em todos os países dominantes do mundo inteiro, tenha avançado a tal ponto que tenha cessado a concorrência dos proletários nesses países e que, pelo menos, estejam concentradas nas mãos dos proletários as forças produtivas decisivas».*¹⁶

Por outras palavras:

a) Marx não propôs, de modo algum, *iniciar* a obra da revolução na Alemanha dos anos 50 diretamente pelo poder proletário, *contrariamente* aos planos dos nossos «permanentistas» russos;

b) Marx propôs apenas *coroar* a obra da revolução com o poder do Estado proletário, desalojando, passo a passo, do poder, uma após outra, as fracções da burguesia, com o fim de, uma vez alcançado o poder do proletariado, incendiar a revolução em todos os países – *em total correspondência* com tudo o que Lénine ensinou e levou à prática no decorrer da nossa revolução, seguindo a sua teoria da revolução proletária nas condições do imperialismo.

Resulta que os nossos «permanentistas» russos não só subestimaram o papel dos camponeses na revolução russa e a importância da ideia da hegemonia do proletariado, como também modificaram (para pior) a ideia de Marx sobre a revolução «permanente», inutilizando-a para a aplicação prática.

Eis porque Lénine ridicularizou a teoria dos nossos «permanentistas», chamando-lhe «*original*» e «*magnífica*», e acusando-os de não desejarem «*reflectir sobre as razões pelas quais, durante dez anos inteiros, a vida passou ao lado desta magnífica teoria*». (O artigo de Lénine foi escrito em 1915, dez anos depois do aparecimento na Rússia da teoria dos «permanentistas».)¹⁷

Eis porque Lénine considerava esta teoria semi-menchevique, notando que ela «*toma aos bolcheviques o apelo à luta revolucionária resoluta do proletariado e à conquista por este do poder político, e aos mencheviques a “negação” do papel do campesinato*».¹⁸

São assim as coisas no que toca à ideia de Lénine sobre a transformação da revolução democrático-burguesa em revolução proletária, sobre o aproveitamento da revolução burguesa para a passagem «*imediate*» à revolução proletária.

Mais. Dantes, considerava-se que a vitória da revolução num só país era impossível, supondo-se que para alcançar a vitória sobre a burguesia era necessária a acção conjunta dos proletários de todos os países avançados, ou, pelo menos, da maioria deles. Agora, este ponto de vista já não corresponde à realidade. Agora, é preciso partir da possibilidade de tal vitória, pois o desenvolvimento desigual, por saltos, dos diversos países capitalistas, nas condições do imperialismo, o desenvolvimento de contradições catastróficas dentro do imperialismo, que conduzem a guerras inevitáveis, o crescimento do movimento revolucionário em todos os países do mundo – tudo isto conduz

¹⁶ «Mensagem da Direcção Central à Luta dos Comunistas» (1850), Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 1, p. 182. (N. Ed.)

¹⁷ «Sobre as duas linhas da revolução» (1915), V.I. Lénine, op. cit., p. 80. (N. Ed.)

¹⁸ Idem, *Ibidem*.

não só à possibilidade, mas também à necessidade da vitória do proletariado em diferentes países tomados separadamente. A história da revolução russa é uma prova directa disso. É preciso, no entanto, ter em conta que o derrubamento da burguesia só poderá realizar-se com êxito caso se verifiquem certas condições absolutamente indispensáveis, sem as quais não se pode sequer pensar na tomada do poder pelo proletariado.

Eis o que diz Lênine sobre estas condições, na sua brochura *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*:

*«A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções e, em particular, por todas as três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver com dantes e exijam mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam viver e governar como dantes. Só quando os “de baixo” não querem o que é velho e os “de cima” não podem como dantes, só então a revolução pode vencer. Esta verdade exprime-se de outro modo, com as palavras: a revolução é impossível sem uma crise nacional (**tanto dos explorados como dos exploradores**) [Sublinhado meu – I.St.]. Por conseguinte, para a revolução é necessário, em primeiro lugar, que a maioria dos operários (ou pelo menos a maioria dos operários conscientes, pensantes, politicamente activos) compreenda plenamente a necessidade da revolução e esteja disposta a dar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes dirigentes atravessem uma crise governamental que arraste para a política mesmo as massas mais atrasadas (...), que enfraqueça o governo e torne possível aos revolucionários o seu rápido derrubamento.»¹⁹*

Mas derrubar o poder da burguesia e instaurar o poder do proletariado num só país não significa ainda garantir a vitória completa do socialismo. Depois de ter consolidado o seu poder e arrastado consigo os camponeses, o proletariado do país pode e deve edificar a sociedade socialista. Mas, significará isto que, com isso, o proletariado alcançará a vitória completa e definitiva do socialismo, isto é, significará isto que o proletariado pode, com as forças de um só país, consolidar definitivamente o socialismo e garantir completamente o país contra uma intervenção e, por conseguinte, contra a restauração? Não. Para isso é necessário que a revolução triunfe, pelo menos, em alguns países. Por isso, o desenvolvimento e apoio da revolução noutros países é uma tarefa essencial da revolução vitoriosa. Por isso, a revolução no país vitorioso não deve ser considerada como uma grandeza independente, mas como um apoio, um meio de acelerar a vitória do proletariado noutros países.

Lênine exprimiu este pensamento em duas palavras, ao afirmar que a missão da revolução vitoriosa consiste em levar a cabo o *«máximo daquilo que era realizável num só país para desenvolver, apoiar e despertar a revolução em todos os países»*.²⁰

Estes são, em geral, os traços característicos da teoria leninista da revolução proletária.

¹⁹ *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*, V.I. Lênine, op. cit., t. 3, p. 325. (N. Ed.)

²⁰ *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky*, V.I. Lênine, op. cit., p. 51. (N. Ed.)